



Associação Propagadora Esdeva
 Centro Universitário Academia - UniAcademia
 Curso de Psicologia
 Artigo

REINVENTAR ENCONTROS: AÇÕES E INVENÇÕES POSSÍVEIS EM UM ANO PANDÊMICO

*Oetsia Vargas Smits*¹

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

*Camila Ferreira Vieira de Rezende*²

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

*Thamara Barbosa Teixeira Dias*³

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

*Nayara dos Santos Tavares*⁴

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

*Verônica Calderano Rezende*⁵

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

*Marina Menezes Ferreira*⁶

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

*Adriana Sperandio Ventura Pereira de Castro*⁷

Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

*Lara Brum de Calais*⁸

Universidade Federal do Espírito Santo, UFES

RESUMO:

O presente artigo teve como objetivo apresentar a Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária (LAÇO) enquanto Projeto de Extensão do Centro Universitário Academia, e o recorte de sua atuação em meio a pandemia da COVID-19 no ano de 2020. Ressalta-se a formação de Grupos de Trabalho (GT) e demais atividades realizadas em formato remoto, seus efeitos e o compromisso ético-político

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: oetsia@gmail.com

² Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: camilafvrezende@gmail.com

³ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: thamaradias84@yahoo.com.br

⁴ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: nayara_jf12@hotmail.com.

⁵ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: nayara_jf12@hotmail.com.

Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: veronicacalderano@gmail.com.

⁶ Psicóloga. Discente do curso de Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marina_menezessd@hotmail.com.

⁷ Coordenadora e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia): E-mail: psicologia@uniacademia.edu.br

⁸ Doutora em Psicologia. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: laracalais@hotmail.com

permeando cada estudo, pesquisa e ação realizadas, bem como o atravessamento teórico-metodológico em cada uma destas. Para tanto, em um primeiro momento, foi discutido o GT realizado no primeiro semestre de 2020, cuja temática se relaciona à pandemia, desigualdade e questões de raça. A seguir, foi discutido o segundo GT, realizado no segundo semestre de 2020, cujo tema se relaciona a descolonização das práticas psicológicas voltadas para as juventudes periféricas. Por fim, foi apontada a realização do evento “Psicologia pra que(m): Reinventando encontros e tecendo caminhos possíveis” realizado no final do segundo semestre do ano, bem como os efeitos de tais construções nas práticas da Laço, os desafios de se realizar tais práticas em um novo e desafiador formato para práticas que se propõem à coletivização das relações.

Palavras-chave: Psicologia Social e Comunitária. Liga Acadêmica. Extensão. Pandemia.

REINVENTING MEETING: POSSIBLE ACTIONS AND INVENTIONS IN A PANDEMIC YEAR

ABSTRACT:

The present article aimed to introduce the Academic League of Social and Community Psychology (LAÇO) as an Extension project of the University Center Academia and its role in the middle of COVID-19 pandemic in 2020. It is highlighted the formation of Work Groups (WG) and further activities through online means, their effects and ethical-political commitment permeating every study, research and action performed as well as the theoretical-methodological crossing in each one of them. Therefore, in the beginning, it was discussed the WG performed in the first semester of 2020 which theme is related to the pandemic, inequality and race issues. Hereafter, it was discussed the second WG performed in the second semester of 2020 which theme is related to decolonization of psychological practices targeting the peripheral youth. Finally, it was pointed out the event “Psychology for what / whom: Reinventing meetings and weaving possible paths” performed in the end of the second semester of the year, as well as the effects of such elaborations in practices of LAÇO, the challenges of accomplishing such practices in a new and defiant format to practices that propose collectivize relationships.

Keywords: Social and Community Psychology; Academic League; Extension; Pandemic

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar a Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária (LAÇO) enquanto Projeto de Extensão do Centro Universitário Academia, como prática de extensão que busca realizar deslocamentos da produção acadêmica, em direção a sociedade e a realidade social que a circunda, e o recorte de sua atuação em meio a pandemia do vírus COVID-19, que trouxe novos desafios

a realização de uma prática voltada para a potência do afeto e aproximação da realidade social, em meio a um cenário cujas medidas sanitárias recomendam que seja praticado o distanciamento social e coletivo (WHO, 2020).

Enquanto projeto de extensão do Centro Universitário Academia, a Laço surgiu através do desejo coletivo de agir politicamente, e vem trilhando seus caminhos buscando práticas transformadoras e emancipatórias, tanto no contexto de formação em Psicologia, quanto na realidade social. De forma a romper com limites acadêmicos que distanciam a formação em Psicologia dos contextos sociais e da pluralidade de existências presente em nossas sociedades, a Laço pauta sua atuação na potência do afeto e da criação de “laços” como forma de transformação social e de resistência às opressões presentes em nosso meio social (CALAIS, et al, 2018). Nesse sentido, tendo como base a perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Social e Comunitária, que pauta suas ações em um posicionamento ético e político de construção do conhecimento e das suas práticas junto à população, as práticas da Laço baseiam-se em metodologias participativas (SPINK, 2008), ancorando suas reflexões e processos que fomentam relações horizontalizadas e democráticas, de forma a promover modos de conscientização, criando condições para se pensar o mundo dialeticamente (BARÓ, 1997).

As práticas da liga são mediadas por encontros semanais de jovens estudantes do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia, que, devido a pandemia da COVID-19, passaram a ser realizados em formato de Grupos de Trabalho, de forma remota, por meio de plataforma *online*. Nestes, incluem-se desde discussões, estudos e pesquisas internas, à promoção de desdobramentos da extensão, como a produção de materiais audiovisuais de entrevistas com parceiros externos, e a construção de rodas de conversas abertas ao público, com mediadores convidados e vinculados às temáticas trabalhadas.

Tendo em vista esse cenário, e de forma a apresentar o trabalho da Laço e sua atuação em meio a pandemia da COVID-19, o presente artigo se dedicará a compreender algumas das ações realizadas pela liga no ano de 2020, assim como os efeitos e desafios desse novo formato, permeado pelo compromisso ético-político em cada estudo, pesquisa e ação realizadas.

Para tanto, em um primeiro momento, será discutido o GT realizado no primeiro semestre de 2020, cuja temática se relaciona à pandemia, desigualdade e questões de raça, assim como serão apresentadas as construções teóricas

utilizadas nesse GT. A seguir, será discutido o segundo GT, realizado no segundo semestre de 2020, cujo tema se relaciona a descolonização das práticas psicológicas voltadas para as juventudes periféricas, seguida novamente de discussão teórica. Por fim, será discutido os efeitos de tais construções nas práticas da Laço, assim como os desafios de se realizar tais práticas nesse novo formato.

2 REALIZAÇÃO DO PRIMEIRO GRUPO DE TRABALHO COM A TEMÁTICA: PANDEMIA, DESIGUALDADE SOCIAL E QUESTÕES DE RAÇA

A construção do grupo de trabalho sobre pandemia, desigualdade social e questão de raça se deu de forma conjunta com os membros da Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária - LAÇO, tendo em vista a relevância dessa temática no momento atual. A COVID-19 propiciou um agravante da questão social, fruto da sociedade capitalista, reforçando os marcadores nela constituídos (BRASIL, 2020). Para isso, utilizamos como referencial teórico o texto “O direito Universal a Respiração”, de Achille Mbembe e o Podcast do Coemergência, episódio #35 Pandemia no Brasil: Coronavírus e Desigualdades com a Buda Aguiar, viabilizando debates que intentam uma formação reflexiva, assim como uma prática pautada na realidade de desigualdade social, vivenciada pela maioria da população brasileira.

Achille Mbembe (2020) propõe em sua narrativa a reflexão sobre a realidade civilizatória desse sistema instituído em sua forma particular de reforçar as desigualdades. O autor aponta ainda para um descaso quanto às práticas relacionadas aos direitos básicos necessários à vida, caracterizando esse tempo como de “brutalismo”, já que se vive a redistribuição desigual da vulnerabilidade (MBEMBE, 2020). O processo contemporâneo brutal visa destruir os corpos vivos exauridos, fruto dessa guerra operante. Tal situação não constitui somente um recurso, a fim de obter a soberania, mas uma forma de executar o direito de matar (MBEMBE, 2017). Nesse sentido, a ressurreição de ações opressoras torna-se validado em práticas atuais vigentes na sociedade brasileira, advindo a partir de contextos coloniais e neocoloniais, uma vez que a ordem democrática manteve por um longo período relações geminadas, caracterizando como fator estruturante da ordem mundial contemporânea (MBEMBE, 2017).

A partir dessas construções socialmente determinadas que afetam diretamente o sujeito ativo, criativo e transformador, produz-se certa inibição do

protagonismo e fortalecimento da submissão a uma lógica dominante (LANE, 1984). Tais processos de construção de uma lógica de submissão acontecem também, segundo Baró (1983) desde os modos de manutenção da escravização e da tortura como aspectos constituintes de nossa identidade nacional. Enquanto práticas essas lógicas ainda se mantêm presentes através de fenômenos ideológicos de uma estrutura social que se converte na relação social cotidiana. Não obstante, no momento presente esse sistema é reforçado em detrimento a transformação e manifestação popular.

Dessa forma, pode-se dizer que o cenário genocida atinge majoritariamente os corpos negros, através do racismo, modo esse de dominação responsável por aniquilar a consciência de toda a sociedade brasileira, nomeado de mito da democracia racial (DANTAS, FERREIRA, e VERA, 2017). Os Grupos de Trabalho da Laço, tiveram como objetivo então, fomentar uma formação crítica sobre tais temáticas, especialmente em um momento histórico do país, cujas mortes acontecem diariamente em grande número: seja pelo acometimento do COVID-19, seja pela própria desigualdade e precarização que agravam essa condição. Para Mbembe (2017), entender esse panorama, requer buscar o repovoamento da terra erguido às custas dos sequestros de diferentes grupos, ou seja, a bionecropolítica brasileira que é consolidada segundo o aspecto de opressão, de diáspora, de genocídio, de assimetria, de violência e de racismo. As discussões acerca da biopolítica - conceito amplamente divulgado a partir das obras de Michel Foucault - atualizam-se, portanto, nas cenas cotidianas que refletem o poder como um agente capaz de se diluir capilarmente nas práticas, uma vez que a vida e a história passa a esculpir-se na combinação saber-poder (MACHADO, 2012). Assim, a mercantilização da vida é resultado das formas de soberania no qual o objetivo maior não é a luta pela autonomia, mas operacionalização generalizada da existência humana e o aniquilamento dos corpos dos diversos povos (MBEMBE, 2017).

Na Constituição Federal (1988), o artigo terceiro aponta como objetivos fundamentais a erradicação das desigualdades sociais, juntamente com o compromisso de romper com qualquer forma de preconceito que repercute por meio dos marcadores sociais. Essas conquistas indicam um momento importante no Brasil no qual reforçou a necessidade de diminuir os conflitos sociais advindo dos sistemas escravocratas e ditatoriais que resultaram na marginalização dessa

população, porém é notório observar que os direitos não são assegurados. O Estado bruto, exercido pela negligência aos mais carentes, vindo de encontro aos Direitos Constitucionais, juntamente com aqueles presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos, perpetua-se sob uma condição de fronteira vivida, resultado das práticas coloniais, estabelecidas como zonas habitadas por selvagens, no qual a guerra e a desordem estão do mesmo lado (MBEMBE, 2017).

De acordo com Netto (2011), em uma perspectiva de classes, o sistema capitalista se encontra fundamentado nos interesses do capital com base no lucro e na propriedade privada. Isso repercute na existência de desigualdades que versam desde a submissão a demandas do poder hegemônico; às políticas públicas que chegam (ou não) até a população. Nesse sentido a sociedade capitalista foi marcada desde os primórdios com a expropriação de terra, desigualdade social e pelo exército industrial de reserva que repercute uma ideologia dominante (BARÓ, 1983).

Contudo, a menos-valia social, segundo Mbembe (2017) ocorre através das novas formas de apartheid, resistindo à soberania por meio da capacidade de traçar o poder à vida e quem deve morrer. Os cidadãos estão inseridos, portanto, em uma condição contínua em que viver gera dor (MBEMBE, 2018).

Com a pandemia do COVID-19 em todo o mundo, somos atravessamos pela incerteza das perspectivas futuras tendo em vista a retirada de direitos e o arraigamento da pobreza. A questão da saúde está em evidência não apenas para aqueles que estão entre os grupos mais atingidos ou, denominados como de risco, como idosos ou pessoas com morbidades, mas também para a população marginalizada (BRASIL, 2020). A conquista popular que atrela ao estado o direito de todos os cidadãos a uma moradia, saúde e saneamento básico já existe a algum tempo, mas ainda assim faz parte da realidade de muitos brasileiros. Nesse sentido, surgem algumas indagações sobre a prevenção do vírus, a forma pela qual nos protegemos e asseguramos o outro no estado de saúde e das demais políticas públicas e sociais que asseguram direitos.

Spink (1992) aponta que o adoecimento está intimamente relacionado com os aspectos psicossociais seja pela falta de recursos básicos que favoreçam ou pela patologização dos corpos negros, favelados e periféricos. Inicialmente o COVID-19 esteve associado à classe média alta que trouxe a doença infectocontagiosa para o país, no entanto, com a chegada do mesmo nas margens das cidades, foi possível perceber que os modos de operar anteriormente instalados foram potencializados

pela falta de recursos básicos. Sendo assim, o isolamento social, a segurança na higienização necessária para a não propagação do vírus é excludente quando em uma casa tem um só cômodo, ou que o saneamento básico não chega aonde vive (PODCAST #35 PANDEMIA NO BRASIL: CORONAVÍRUS E DESIGUALDADES COM A BUDA AGUIAR, 2020).

Nesta realidade, a população é profundamente afetada pelas desigualdades sociais produzidas pelo sistema capitalista. As pessoas passam a ser compreendidas como massas do substrato social e não mais como sujeito de ação e direito, como indica Lane (1984) “o indivíduo no conjunto de suas relações, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Para tanto, o ponto principal é a resistência frente às engrenagens do capital por meio, dentre outros elementos, da consciência de classe, indispensável nesse processo.

Ao notar o cenário brasileiro caótico agravado pelo contexto pandêmico, a Laço enquanto Liga estudantil busca ampliar os debates a respeito da práxis da psicologia, possibilitando um maior conhecimento da realidade social e troca comunitária, haja vista que o coletivo posiciona-se em defesa da vida e contra atitudes de mercantilização da mesma, sendo o resultado das formas de soberania. Segundo Mbembe (2017) o objetivo maior de tal ação, não é a luta pela autonomia, mas a operacionalização generalizada da existência humana e o aniquilamento dos corpos dos diversos povos.

Nesse sentido, o projeto de extensão busca se posicionar através de intervenções e expressões que almejam problematizar o lugar de saber/fazer da Psicologia. Essa vinculação é aliada às vivências daqueles que estão atravessados pela questão social. Sendo assim, a utilização do texto de Achille Mbembe junto ao *Podcast* com a participação de uma moradora de periferia que discute a situação do COVID-19 em sua realidade, contribuíram para a construção coletiva de um posicionamento situado e crítico da Liga, assim como, de seus trabalhos como promotores de uma perspectiva de extensão universitária pautada na realidade social vigente e atenta às desigualdades.

Como desdobramento de tais discussões, a LAÇO com o objetivo de divulgar o trabalho artístico da juventude do município atrelado a uma ação do grupo de estudo, produziu uma entrevista com o artista e MC DaLagoa. DaLagoa é um cantor, morador da periferia de Juiz de Fora, que leva em suas músicas a posição crítica de

um jovem negro frente a realidade social. O contexto atual de pandemia é para ele um desafio pela falta de espaços físicos de troca e gravação de clipes em virtude da não possibilidade de realizar atividades coletivas com o público. Os desafios do pequeno produtor de música não se baseiam somente na composição, mas também na divulgação da mesma. Sobre o seu último videoclipe, com a música ‘funk sou’ e ‘o homem que não quer ver’, DaLagoa se inspirou no featsbeat tendo como base o James Brown. Suas músicas trazem a postura de um sujeito ativo e transformador do mundo com a personificação musical das questões raciais e periféricas. “Nós somos diferentes, nós não queremos nos encaixar nesse padrão eurocêntrico” (DaLagoa).

Como resultado dessa entrevista que vinculou a produção artística junto às pautas negras e periféricas, a Laço submeteu a apresentação do vídeo produzido com o artista ao Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira - JUBRA em sua VIII edição com o tema “O protagonismo e as lutas das juventudes: Diversidade, Direito e Democracia” que ocorreu na modalidade online no ano de 2020 em decorrência da Pandemia do COVID-19. Esse movimento foi fundamental tanto para apontar a imprescindível associação da academia com a arte popular, quanto para ampliar possibilidades de nomes artísticos que denunciam a realidade social a partir de sua música tenha cada vez mais espaço.

A LAÇO, nesse sentido, tem como princípio assegurar a produção coletiva a partir da realidade social brasileira e latino-americana a partir das desigualdades nelas existentes. Sendo assim, o compromisso ético e político aliado à teoria – prática é fundamental, tendo em vista o sujeito ativo, criativo e transformador (LANE, 1985) em ação no mundo. Para tanto, a manifestação cultural, artística, assim como espaços de troca fazem parte de uma atuação compromissada com o coletivo.

3 REALIZAÇÃO DO SEGUNDO GRUPO DE TRABALHO COM A TEMÁTICA: “A DECOLONIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS VOLTADAS PARA AS JUVENTUDES PERIFÉRICAS”

Dado o primeiro GT realizado, sob a temática “Pandemia, desigualdade social e questões de raça”, discutido no tópico anterior e tendo como efeito a abertura de discussões teóricas e articulações práticas comprometidas com a realidade social da América Latina no contexto atual, foi elaborado um segundo GT com a temática “A

Decolonização das práticas psicológicas voltadas para as juventudes periféricas”. Tal proposta expressou a necessidade, cada vez mais emergente, de olhar com atenção e cuidado para a história formativa dos estudantes de psicologia e suas possíveis implicações em sua prática profissional. Com isso, este tópico tem como objetivo apresentar as argumentações teóricas sobre a temática, bem como as ações propostas pela liga a partir do Grupo de Trabalho e seus desfechos.

Em todo o percurso histórico da construção da psicologia, essa é constantemente marcada pelos saberes hegemônicos em um modelo de homem branco, hétero, burguês e europeu (PARKER, 2007), que proporcionaram a perpetuação de colonizações, opressões e dominação de uns sobre outros (ALVES; DELMONDEZ, 2015). Desde uma perspectiva crítica, caminhos para a descolonização desse saber estão sendo traçados. Entretanto, tal prática não consiste em apenas incluir vozes silenciadas na bibliografia, é necessário questionar o próprio lugar ocupado e as marcas deixadas (VEIGA, 2019).

A partir da percepção da necessidade de saberes contra-hegemônicos, os estudos decoloniais ganham força cada vez maior no meio acadêmico. O conceito é utilizado para marcar a contestação de produções e representações que são colocadas à margem. Vinculada com as produções de pensamento pós-colonial, tais estudos buscam romper com a própria reprodução de uma concepção de sujeito adaptado às lógicas de conquista e opressão expandidas pela ideologia colonial dominante (ALVES; DELMONDEZ, 2015). Diante disso, os estudantes da liga se viram implicados em discutir sobre a temática do pensamento decolonial, transversalmente atravessados/as pelo permanente compromisso em debater seus estudos, pesquisas e práticas a partir de perspectivas latino-americanas da psicologia social e comunitária. Mignolo (2005) pontua que os estudos pós-coloniais também partem do território europeu, e que por momentos, perpetuaram dispositivos do colonialismo.

Ciampa (1994) defende que a construção da identidade se dá de forma processual, sendo uma unidade múltipla, influenciada por diversos fatores da vida. Da mesma forma, podemos pensar a subjetividade, que deve ser analisada como uma construção coletiva, dialética (ALVES; DELMONDEZ, 2015) e política (VEIGA, 2019). A colonialidade torna concreta as formas subjetivas de dominação de vidas (ALVES; DELMONDEZ, 2015). Desta forma, autoras/es de outros territórios como a América Latina, tem sido caminhos de encontro com essa subjetividade outra,

contando a história a partir do seu território e expressando as marcas de brutal violência contra seu povo, suas memórias e modos vida, que por muito tempo foram encobertas pelo ideário europeu moderno/colonial.

Tendo em vista a emergência destes estudos na Psicologia e a proposta da LAÇO em construir um GT no mês de setembro para introduzir os estudos sobre a colonização e suas interfaces com o saber psicológico ao grupo. Tal temática foi interligada com as discussões sobre juventudes, visto que a Liga já trabalhava, em sua práxis, com esse público, e o quanto seria elementar um delineamento do objeto de estudo a ser conduzido na discussão teórica e prática. Desta forma, surge a proposta de construção de uma roda de conversa com o tema “Decolonização das práticas psicológicas voltadas para a juventude periférica”. Buscou-se, com esse encontro, promover um espaço de reflexão e troca entre as/os convidadas/os e participantes, principalmente no que tange aos possíveis atravessamentos da herança colonial em nossas práticas de cuidado e intervenção junto às juventudes historicamente invisibilizadas.

Ao reconhecer as juventudes enquanto sujeitos, produtores e (re)produtores do contexto social inserido, que abarca esferas políticas, econômicas, culturais, territoriais, históricas e sociais em sua consistência, entende-se que, para se falar de juventude, é infactível uma análise da mesma sem considerar sua pluriversalidade em consonância com a sua realidade social (SOUSA, 2011). Santos (2018) aponta como a concepção de juventude deve ser situada social e historicamente, bem como compreendida enquanto uma categoria social que apresenta diversidades culturais. Porém, quando se analisa a realidade social presente e os estudos sobre a juventude, Cassab (2011) afirma que esta concepção parte, demasiadamente, de uma perspectiva ocidental europeia, pouco dialogando com outras tantas juventudes existentes.

Para além, Santos (2018) identifica como os marcadores de raça, classe e território também atravessam a concepção de juventude, principalmente quando se trata sobre os processos de marginalização da juventude negra e periferizada, sendo esta uma compreensão que revela a estrutura social marcada pelos “espelhos eurocêtricos”, como afirma Quijano (2005) provindos da colonialidade do poder. Evidencia-se, assim, o necessário (e constante) estudo crítico sobre os processos de colonização presentes na história, que formam e configuram a realidade circundante,

expressivos nos meios acadêmicos e fomentando a basilar a desconstrução e quebra dos mesmos.

Através da expressão artística, da linguagem como construtora da realidade e de acreditar que o processo pode transformar as lógicas vigentes, a sociedade segue resistindo e lutando pela sua emancipação (OSORIO, 2011). Nessa lógica, o WebDoc Corpo Flor com Castiel Brasileiro (2018) trabalhado nos estudos para a construção do GT retrata o corpo, ocupante do entre-lugar, como a concretude da resistência que gera incômodo sob as normas impostas. Das memórias afetivas são cultivadas sementes que persistem em cuidar de subjetividades excluídas.

Ao compreender o lugar da extensão enquanto produção acadêmica diretamente dialógica à sociedade, a realidade social circundante e de caráter ético-político em sua atuação, em favor da vida (CALAIS et al, 2019; SOUZA, 2011), não apenas se percebe a possibilidade de relação direta com esse processo de reconhecimento, mas também com o compromisso social de entender, questionar e lutar por mudanças teóricas e práticas no que tange o trabalho com os jovens e seus direitos (BARÓ, 1996).

Para tanto, ao interligar os estudos sobre a juventude com a temática da decolonialidade, percebeu-se uma grande dificuldade em encontrar produções acadêmicas que embasassem teoricamente tais estudos vinculados. Todavia, Sawaia (2012) aponta desafios e implicações políticas nos estudos e práticas da extensão com esse público, reforçando desde a indivisibilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a fundamental interlocução com espaços locais, regionais, nacionais e internacionais que discutem sobre a temática. Com destaque na América Latina, a participação em Conselhos de Direitos, colaboração em políticas públicas que garantam oportunidades e a formação de alunos/as compromissados com a realidade social e fazendo da prática da extensão universitária um suporte fundamental para a sua futura atuação profissional e criticidade em meio à mesma.

4 TERCEIRA EDIÇÃO DO ENCONTRO “PSICOLOGIA PRA QUE(M): REINVENTANDO ENCONTROS E TECENDO CAMINHOS POSSÍVEIS”

Em todos os planejamentos e intervenções, a LAÇO pautou o encontro coletivo como uma proposta fundamental para a transformação. Pensar na Psicologia em sentido contrário ao saber hegemônico, que esteve presente na

construção de sua história (MAYORGA; PINTO, 2013), é criar pontes entre esse saber e o saber da comunidade; é articular ideias, unir propósitos e reconhecer o papel político dos sujeitos na reivindicação dos seus direitos de ser e existir. É esse caminho que, desde a sua primeira edição em 2018, o evento “Psicologia pra que(m)?” se propõe a trilhar: abrir espaço para as discussões e articulações entre a Psicologia e a sociedade nas diversas possibilidades de manifestações políticas interessadas em transformar realidades.

A edição de 2018 teve como tema principal o “encontro de práticas e coletivos”, em que se discutiu sobre marcadores sociais em uma perspectiva interseccional e a relação desses com as posições sociais (ZAMBONI, 2014). Foram convidados coletivos e representantes sociais para articular temas como raça, gênero, classe, território, entre outros com a psicologia, a fim de aproximar as realidades e os processos de participação social com esse saber científico. A elaboração do primeiro evento foi realizada a partir dos estudos e reuniões das/dos integrantes da liga como intuito de organizar e pensar nos possíveis convites de participação da roda.

Em 2019, fora proposto a participação das juventudes enquanto agentes políticos, sendo, então, o tema principal “encontro de práticas e coletivos da juventude”. Dessa vez, o evento contou com a participação de coletivos e representantes sociais jovens em todo o seu processo de construção, tanto nas reuniões da liga na instituição de ensino quanto na participação de integrantes da liga em alguns espaços em que esses coletivos ocupavam. Dessa forma, foi possível uma aproximação maior entre a liga e os diferentes coletivos convidados, fortalecendo vínculos, articulando saberes e entendendo a importância de se construir em conjunto.

Diante do cenário político-sanitário vivido em 2020, a vida tem se reinventado. Os espaços online outras formas de salas de aulas, os novos auditórios e as novas – e um tanto quanto precárias, considerando a desigualdade social instalada no país - plataformas de organização da vida. Nesse cenário, as seguintes questões foram levantadas para a construção de evento neste ano: quais são as novas possibilidades de fazer-se luta sem fazer-se corpo presente? Como os movimentos sociais estão reinventando sua resistência? As demandas seguem as mesmas? E a Psicologia, a que(m) se propõe neste novo formato? De que maneira pode estar aliada ao enfrentamento da Pandemia, da desigualdade social e demais lutas?

A impossibilidade do encontro no território de Juiz de Fora não diminui a necessidade de diálogo nesse momento, pelo contrário, convoca a repensar os espaços e as vias de troca. Em sua terceira edição, o evento "Psicologia para que(m)?" tem como proposta a discussão das possibilidades de reinventar o contato, os encontros e os caminhos a serem percorridos para o enfrentamento dos desafios existentes no contato com o novo. A partir de intervenções artísticas e uma roda de conversa online, propõe-se a refletir os lugares que a psicologia deve ocupar para compreender e denunciar as desigualdades sociais que se acentuam na medida em que o acesso aos recursos utilizados como ferramentas no período pandêmico não condiz com algumas realidades. Foram convidados/as, portanto, representantes de movimentos sociais para construir, conjuntamente, estratégias de enfrentamento às diversas situações cotidianas vividas por quem está na linha de frente do desamparo governamental e das diversas vulnerabilidades sociais.

Sendo assim, o "Psicologia pra que(m): Reinventando encontros e tecendo caminhos possíveis", fora pensado e executado levando em consideração o momento atual. Após todas as trocas, discussões e fortalecimento coletivo proporcionado pelo evento, concluiu-se que, ainda que o encontro presencial nos proporcionasse a presença, o "olho no olho" e uma sensação mais real de acolhimento, o formato remoto levou o evento para outras cidades, estados de diferentes regiões do país, o que facilita a articulação dos temas de acordo com diversos contextos e possibilita a ampliação de laços. Contudo, reitera-se que é preciso reinventar formas com a intenção de potencializar a presença, de não arrefecer o contato, não desmobilizar as lutas por direitos; para que, mediante a futura diminuição da pandemia por COVID-19 a partir das necessárias políticas de fortalecimento e manutenção do Sistema Único de Saúde (SUS), possamos estar presencialmente juntas e juntos pautando os caminhos de uma formação em psicologia que se faça presente e atuante nos distintos e desiguais contextos que afetam a população brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o atual cenário político, sanitário e social que assola o território brasileiro, diversas mudanças tiveram que ser redirecionadas ao longo do ano; considerando, ainda, a ausência de uma previsão sobre o fim da pandemia do

COVID-19, bem como a volta (ou novas formas) das atividades e modos de vida anteriores à esta crise. Tais situações, impactaram diretamente o ensino e atividades realizadas pela educação, torcendo-as para o ensino remoto e fomentando a construção de modos de diálogos possíveis.

Portanto, a proposta da Laço de desenvolver ações que visam estimular a construção do pensamento crítico dos graduandos de psicologia, propondo como horizonte do seu *quefazer* a conscientização dos modos de vida se manteve presente no ano de 2020. Todavia, as discussões da Liga, giravam em torno do sistema hegemônico operante e suas ramificações nos espaços da conjuntura relacional, assim como, as formas criativas de canalizar os meios de transformação, a fim de superar a perspectiva alienante, a negação da justiça e do respeito ao ser humano. Assim, questiona-se a oferta única de uma psicologia enquanto ciência como solução alternativa para os conflitos sociais: tratando de mudar o indivíduo preservando a ordem social (Deleuze, 1972), legitimando por muito tempo as injustiças estruturais.

Pautar o posicionamento ético-político de uma liga acadêmica perpassa, portanto, por situarem-se em uma ética do compromisso com a vida, especialmente de vidas historicamente marginalizadas. Passa também por romper com práticas binaristas mantidas na racionalidade do poder regulador de condutas. Este posicionamento foi mais uma vez reafirmado ao longo do ano de 2020, que mesmo apresentando novas formas de configuração e reorganização dos trabalhos realizados pela liga, buscou viabilizar discussões pautadas na realidade social circundante e de forma crítica, fomentando diálogos de compromisso ético-político com a realidade latino-americana e na construção de fissuras possíveis nos modelos hegemônicos (re)produzidos pela psicologia dominante e tradicional.

Dessa forma, alinhados aos princípios fundamentais contidos no Código de Ética Profissional e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, é almejado pelos integrantes a reatualização do que Martín Baró evidenciou a respeito dos estratos sociais, destacando que eles demarcam possibilidades e modos concretos de humanização ao definir tipos de relações (MARTÍN-BARÓ, 2012). Assim, a psicologia poderia oferecer recursos para que se produza uma práxis da libertação e da transformação necessária da realidade. Nesse sentido, a Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária, teceu e continuará tecendo suas atividades pautando-se no diálogo, na horizontalidade das relações e na produção conjunta de

novas formas de se construir o mundo, bem como possibilitar outros espaços (materiais e virtuais) de encontro que fomentem esta construção crítica sobre a psicologia e seus modos de configurar e cuidar da vida.

REFERÊNCIAS

#35 **PANDEMIA NO BRASIL: CORONAVÍRUS E DESIGUALDADES COM A BUDA AGUIAR**. Entrevistada: Buda Aguiar. Entrevistadores: [S.I]: Coemergência, 04 abril, 2020. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1W3Q72lyrDgfxRTXBO8AP0>> Acesso em: 26 nov. 2020.

ALVES, Cândida Beatriz; DELMONDEZ, Polianne. Contribuições do Pensamento Decolonial à Psicologia Política. Associação Brasileira de Psicologia Política. V. 15, n. 34, p. 647-661. set./dez. 2015.

BARÓ, Ignacio Martin. Entre o indivíduo e a sociedade: **Acción e ideología: psicología social desde centroamérica**. Segunda edição. San Salvador: UCA Editores, 1983.

BARÓ, Ignacio Martin. **O papel do psicólogo**. Estudos em Psicologia. v. 2, n. 1, 1997, p.7-27.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19 - A Quarentena na Covid-19: orientações e estratégias de cuidado**. Brasília, FioCruz, 2020. Disponível em <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-A-quarentena-na-Covid-19-orienta%3%a7%3%b5es-e-estrat%3%a9gias-de-cuidado.pdf>> Acesso em: 09 dez 2020.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley (org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Pg. 58-75.

CALAIS, Lara Brum de et al. LAÇO: a construção de uma liga acadêmica de psicologia social e comunitária como prática transformadora. **ANALECTA-Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora**, v. 4, n. 4, 2018.

CANDIDO, Izah; VIANA, Wanderson. **WebDoc Corpo Flor com Castiel Brasileiro. Online**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xb8Cvld0JXc>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

CARVALHES, Flávia; SIVA, Rafael. **Psicologia e Políticas Públicas: impasses e reinvenções. Psicologia e Sociedade**. Londrina, v. 28, n.2,p 247-256. 2016 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p247>>

Acesso em: 25 nov. 2020.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 17, n. 02, p. 145-159, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

LANE, Silvia. **Psicologia Social: O homem em movimento**. Terceira edição. Editora Brasiliense, 1985.

LIMA, Fátima. **Bio- necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe**. Rio de Janeiro, v.70, n.35.p.20-33. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 nov. 2020

MAYORGA, Claudia; PINTO, Geíse Pinheiro. Juventudes: a Pluralização da Experiência ou a Invisibilidade das Relações de Poder. In: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de. (Org.). **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: UFPE, 2013. p. 101-114. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/56534522-Jubra-territorios-interculturais-de-juventude.html>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

MENDONÇA, Gabriel; SOUZA, Vera Lucia; GUZZO, Raquel. **O conceito de Ideologia na Psicologia Social de Martín-Baró. Psicologia Política**. São Paulo, v.16, n.35.p.17-33, jan./abril. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000100002> Acesso em: 25 nov. 2020

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OSÓRIO, J. M. F. Ética e construção social da libertação latino-americana. **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas: Editora Alínea, 2011.

PARKER, Ian. **La psicología como ideología: Contra la disciplina**. Madrid: Catarata, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2020.

SANTOS, Greice Regina Bolgar Dos. **Anais V CEDUCE: V Colóqui Internacional Educação, Cidadania e Exclusão**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42807>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SPINK, Jane Mary. A construção social do saber sobre a saúde e a doença: uma perspectiva social. **Saúde e sociedade**, 1992, p. 125 - 139.

SPINK, P.K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 20 (num.esp), 2008, p. 70-77.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **COVID-19 STRATEGY UPDATE**. [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/strategies-and-plans>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014.